

## **O REI TROVADOR, A RAINHA SANTA E O CAMINHO DE SANTIAGO<sup>1</sup>**

**Maria do Amparo Tavares Maleval<sup>2</sup>**

A Idade Média ibérica teve protagonistas notáveis, que se perpetuaram para além das fronteiras da Península e do tempo. Dentre estes, o Rei D. Dinis de Portugal, que particularmente nos interessa enquanto exímio poeta, a sua esposa D. Isabel, por santidade reconhecida pela Igreja, e o Caminho de Santiago, que atrai ainda hoje os que buscam a ascese espiritual (mas não só). O Caminho, que alcançou o seu apogeu no século XII, foi via não só de peregrinos cultores do Apóstolo Tiago Maior como a Rainha Santa, mas de artistas, como os que proporcionaram a interação entre a poesia occitana e a autóctone, de cujo produto o Rei Trovador foi um dos maiores representantes. Essa interligação entre os três me motivou a rememorá-los, mesmo que de forma sucinta, para assim homenageá-los e a alguns escritores que os têm eternizado em poesia.

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma comunicação de igual título apresentada no XXIII Congresso Internacional da ABRAPLIP, realizado na UFM em 2011.

<sup>2</sup> Professora Aposentada da Universidade Federal Fluminense; Professora Associada e Pró-Cientista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.



D. Dinis e a Rainha Santa

## 1. O CAMINHO DE SANTIAGO

O Caminho de Santiago, notadamente o procedente da França, é o *locus* de um dos fenômenos mais duradouros no correr dos séculos: a peregrinação a Santiago de Compostela. No século XII, na chamada Era Compostelana, para esta Cidade Santa – a terceira da Cristandade, ao lado de Roma e Jerusalém – aconhia anualmente cerca de meio milhão de pessoas, número extremamente significativo para a época medieval.

Já um dos maiores poetas brasileiros do século XX, Murilo Mendes, dentre tantos outros<sup>1</sup>, se interrogara sobre esse instigante fenômeno no poema “Caminho de Santiago”:

Santiago de Compostela isolada no campo,  
Mas na tua direção marchou a Europa  
Pesquisando paralelos Corpo e estrela. (...) <sup>2</sup>

Razão tinha o poeta de maravilhar-se ao refletir sobre a importância, para a Cristandade, daquele isolado lugar, junto ao *Finisterre* de então, num pequeno reino – o de *Galicia* – já praticamente sem soberania, terminando por integrar-se à coroa de Leão. O poema destaca que as multidões que para lá aconhiam, de poderosos reis a humildes servos, eram atraídas por um *Corpo Santo* – o do apóstolo Tiago –, por um Caminho iluminado de estrelas. Daí decorreria uma possível origem do topônimo *Compostela*, *campus stellae*,

anterior ao termo Santiago, que ser-lhe-ia acrescentado por ordem do Papa Urbano II (séc. XI)<sup>3</sup>.

A origem dessa *peregrinatio* cristã leva-nos ao século IX, provavelmente entre 820 e 830, quando ao Bispo Teodomiro de Iria Flavia – a diocese mais ocidental e periférica do então reino das Astúrias –, em estado de jejum e oração, seria revelado, no bosque Libredón, o sepulcro de São Tiago. Este, como sabemos, foi um dos discípulos mais próximos de Jesus, que o denominou e ao irmão João de Boanerges, isto é, filhos do trovão, porque poderosa como este as suas vozes ecoariam pelos confins do orbe; e em missão evangelizadora Tiago teria estado na Península Ibérica. No lugar indicado, que também guardaria os restos mortais dos discípulos do Apóstolo, Teodoro e Atanásio, fora presenciada pelo ermitão Pelaio uma série de fenômenos estranhos, como luminosidades e anjos, também testemunhados por outros fiéis.

Tiago Maior, irmão de João Evangelista, filhos de Zebedeu e Salomé, foi, segundo o registro da *Bíblia* (Atos dos Apóstolos, 12, 1-4), degolado por ordem de Herodes Agripa I, rei da Judéia, no ano de 44, antes da Páscoa. Como poderia o seu túmulo ter sido identificado tantos séculos mais tarde na Galiza?... A lenda fala de uma trasladação miraculosa pelo mar e documentos da Igreja buscaram paulatinamente preencher o silêncio de séculos<sup>4</sup>. Destacamos que, no século VIII, um monge de Liébana, conhecido como Beato, em seus *Comentários ao Apocalipse* (776), acrescentou dados geográficos à predicação hispânica do Apóstolo, indicando, a partir de um mapa-mundi, situar-se em terras galegas a *Achaia Marmorica*, onde estaria enterrado o Apóstolo. Tais indícios interessariam à Arqueologia nos séculos XIX-XX, sendo que, a partir dos *restos* encontrados nas pesquisas empreendidas, concebeu-se a idéia de ter havido no local um sepulcro rústico no exterior, contrastante com um suntuoso interior composto de arcos e arcas de mármore, que tornava possível a identificação metonímica desse *locus arcis marmoricis* com a enigmática *Achaia Marmorica*<sup>5</sup>

Lendas paralelas se acrescentaram às versões clericais documentadas, como a de que a Carlos Magno, que vivera até o ano de 814, já tivera sido

sobrenaturalmente revelada a existência do sepulcro, para que o defendesse dos muçulmanos. Por outro lado, formulou-se a hipótese segundo a qual os restos mortais guardados no túmulo seriam, não de Tiago, mas de Prisciliano (c. 340-385), bispo reformista de Ávila, decapitado por ordem do Imperador Máximo sob a contestada acusação de heresia. Por ter sido muito influente na Galiza, para aí o seu corpo teria sido trazido pelo mar, onde fora enterrado em ignoto lugar<sup>6</sup>.

Aventou-se ainda a possibilidade de ser o culto a Santiago, e a San Milán, uma cristianização do culto aos Dióscuros, Castor e Pólux, que também se representavam montados em cavalos brancos, exterminando os inimigos. No entanto, a Compostela que se notabilizou é não apenas a do Cavaleiro mata-mouros, mas a do peregrino Apóstolo, tornado Padroeiro de Espanha; e ainda a do Anfitrião, sábio mestre e intercessor – daí ser tripticamente representado nas várias imagens (a cavalo, caminhante, sentado).

As impressões que os peregrinos poderiam ter à chegada da cidade são representadas por poetas como Maria Consuelo Cunha Campos, Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro precocemente falecida, a quem ora homenageio, sobretudo por sua sensibilidade:

(...) Atopa-se o sepulcro indicado nas estrelas  
e vai xurdindo da morte a cibdá viva:  
suas pousadas, cregos,  
tendas e barracas,  
pregons e prazas,  
laúdes e guitarras,  
trovadores de capa parda  
cantos xondos,  
mendicantes e cortesans.

Santo sedente, rogade por nós,  
Santo peregrin, rogade por nós,  
Santo guerreiro, rogade por nós. (...) <sup>7</sup>

Na Idade Média, a cidade de Santiago havia se tornado líder espiritual e centro eclesiástico do reino asturiano, no qual se organizou a luta pela expulsão dos árabes que, a partir do século VIII, se haviam instalado na Península Ibérica. Daí que os muçulmanos, sob o comando de Almanzor, em 997 a tenham destruído e ao seu templo, que fora concluído no século anterior por Afonso III. Mas foi respeitada a tumba inaugural, diante da qual orava um ancião. Reconstruída sobre a Arca, foi consagrada em 1003; depois, transformada em fortaleza (1037-1066); e em 1075 iniciou-se a atual basílica, de beleza incomum.

A peregrinação intensificou-se até atingir o seu máximo prestígio no século XII. O *locus Iacobi* foi neste século transformado em *villa Compostellana*, e o seu primeiro arcebispo, Diego Xelmírez, tomou importantes medidas político-administrativas e culturais para fomentar a *peregrinatio*. Datam da sua época a *Historia Compostelana* e o *Liber Sancti Jacobi*<sup>8</sup>. Este último, destinado a esclarecer dúvidas relacionadas ao culto de Santiago e ao Caminho, ficaria conhecido como *Códice Calixtino*, por atribuir-se a sua autoria ao Papa Calixto II (1119-1124).

Dentre os peregrinos famosos figuraram vários reis, sendo o primeiro deles Afonso II, o Casto (790-842). E, embora pelos caminhos de Santiago também se aventurassem comerciantes, marginais, mercenários e artistas, certamente que o geral das pessoas era impelido a percorrê-lo por motivos religiosos. Reportemo-nos à época, magistralmente recriada por Maria Consuelo Cunha Campos no poema "Botafumeiro":

(...) Do fondo da Idade Media rexurden  
intensas corporacións de peregrins farrapentos:  
van camiño de Santiago, face pálida, bordon na man  
que o xexún, esmorecido, fai tortorear o camiño.

Dan os físicos ós peregrins meiciñas;  
danlle os curas vestidos novos

arrecendendo, do fume balsámico,  
corpos suxos e fedorentos.

Na nave coagulada, ó coro das ladaíñas  
balanzan botafumeiros  
péndulos de un tempo  
en que xá non velan no vaivén da fumaza  
cabaleiros en vexilias de armas.

.....

Van pola entrada do tempo  
en resonancias  
romarías de barons e bispos

.....

Levan grosas alfaias e comestibles  
escudeiros, toda a criadagen  
carrozas e cabalos.

Por todo o camiño de penitencia  
van pobres e van ricos,  
vai o pan de cada día,  
a pousada de cada noite  
e a abundancia de a cotio:  
vai o exceso parello co a carencia  
polo camiño de Santiago.<sup>9</sup>

Dentre os peregrinos movidos pela fé encontravam-se santos historicamente localizados, como S. Francisco de Assis (c.1181-1226) e a rainha Santa Isabel (c.1269-1336), de que me ocuparei a seguir.

Antes, gostaria de destacar que, nos sermões dedicados a São Tiago no *Codex Calixtinus* (séc. XII), ao se proceder à *amplificatio* característica do gênero através da etimologia dos nomes, acentua-se que 'Tiago' significa

'suplantador' e que, tal como o indicado pelo seu nome de batismo, o Apóstolo suplantou as fraquezas da carne e a tentação demoníaca, alcançando a vida eterna. Confira-se, por exemplo, o sermão XV do livro I do citado códice, que analisamos em estudo anterior<sup>10</sup>. Aí insiste-se igualmente na exegese do nome 'Boanerges', dado por Jesus Cristo aos irmãos Zebedeus, Tiago e João. Significando 'filhos do trovão', como este, que "fere as nuvens, emite relâmpagos, faz tremer a terra e a rega com a chuva", Tiago, que começou "a trovejar primeiro", demonstrou com sua prédica ser Jesus o prometido pela lei e pelos profetas: "pleno do Espírito Santo, feriu as nuvens judaicas com a sua prédica. Enfrentou a malícia dos judeus, a dureza de seu coração, a inveja"<sup>11</sup>. E patentizou os benefícios advindos de aceitar-se a Cristo, ameaçando com os tormentos eternos aos infiéis.

Enfim, através da pregação explicou as sagradas escrituras, exaltou a Cristo e confundiu-lhe os opositores, vencendo-os com arrazoados contundentes, envergonhando-os com o testemunho da autoridade bíblica, aturdindo-os com os milagres operados<sup>12</sup>. Possuiu o poder da palavra persuasiva, como D. Dinis o da poesia; e como a Rainha Santa, que certamente o teve como modelo a ponto de empreender viagem à sua basílica, suplantou os limites da matéria, alcançando a santificação.

## 2. A RAINHA SANTA

A crônica da *Vida e milagres de Dona Isabel*, Rainha de Portugal, fonte primária do século XIV<sup>13</sup>, investe na sua santidade já anunciada pela ascendência e práticas da infância. Filha diletta do rei D. Pedro III de Aragão e da neta do imperador Federico II da Alemanha, D. Constança, foi sobrinha-neta, por linhagem paterna, de Santa Isabel da Hungria, em cuja homenagem recebeu o nome. A crônica medieval informa que, ao nascer, apresentava-se recoberta por uma pele de modo a não aparecer-lhe membro algum – portanto, envolvida como um presente –, a qual foi guardada pela rainha sua mãe em uma caixa de prata, como relíquia<sup>14</sup>. Portanto, como nas hagiografias, a sua biografia apresenta-a predestinada desde o nascimento para uma existência invulgar.

Em continuação, o avô paterno, D. Jaime de Aragão, a distinguiu dentre os demais descendentes e a criou, dizendo por vezes que ela “avia de seer a melhor mulher que saíra da casa de Aragom”<sup>15</sup>. Também o pai a destacou, considerando-a “muy estremada das outras moças por bondade e por mesura”<sup>16</sup>. Destaque-se o uso do termo ‘mesura’ em uma crônica hagiográfica, já que o mesmo é mais típico da literatura cortês, significando “comedimento, moderação, justa medida; cortesia, maneira palaciana”<sup>17</sup>.

Retornando aos predicados que prefiguravam a santidade de Isabel ainda criança, em Aragão, dentre eles sobressaia a sua religiosidade, dedicando-se com afinco a “rezar oras e em servir a Deus por jeûu e por esmolas”<sup>18</sup>.

Aconteceu que seu pai, embora querendo retê-la para si, terminou por cedê-la em casamento<sup>19</sup> ao rei D. Dinis, já no trono de Portugal por lhe haver falecido o pai, Afonso III, em 1279. Dessa união resultaram a filha D. Constança, que se casou com o rei de Castela<sup>20</sup>, e D. Afonso, que seria o quarto rei português deste nome.

Como rainha, continuou a sua vida de devoção<sup>21</sup>, humildade<sup>22</sup>, doçura, paciência, magnanimidade e caridade estremadas<sup>23</sup>, dedicando-se à proteção e esmolos aos carentes, à construção e manutenção de hospitais, abrigos, igrejas e mosteiros, como o de Santa Clara em Coimbra. Desejou inclusive professar a Ordem das Clarissas<sup>24</sup>, para o que teria de despojar-se de todos os bens materiais, e só não o fez em atendimento aos que a aconselhavam a continuar dispondo deles para banefício de tantos<sup>25</sup>.

Notabilizou-se inclusive como pacificadora das rixas entre o seu marido<sup>26</sup> e parentes chegados, como o irmão, o filho-herdeiro, etc. Segundo a crônica, o fazia mesmo que à custa de seus próprios bens: “ela dava do seu, por viirem a paz e a amor”<sup>27</sup>. Chegou mesmo a ter propriedades e rendas confiscadas pelo marido quando em litígio com o Infante<sup>28</sup>; mas, pela sua “umildade e mesura”<sup>29</sup>, foram-lhe devolvidos. Novamente o termo ‘mesura’, a inscrevê-la no universo do Trovadorismo. E a humildade, ao franciscanismo.

Dela se escreve que não guardava rancor sequer em relação à luxúria do marido<sup>30</sup>, que a crônica imputa aos maus conselhos de alguns, “que o



queriam envolver em pecado de luxúria<sup>31</sup>. Ao contrário, criava-lhe os bastardos decorrentes das muitas infidelidades – “mandava que se veessem ante ela e dava a eles de vestir e de comear e criava-os<sup>32</sup>”.

Afonso Lopes Vieira (1878-1946), no poema “Tentação de Santa Isabel”, retoma o comportamento da rainha em relação às traições do cônjuge – segundo a crônica, quando lhe vinham contar sobre as amantes do marido, “começava a rezar e a leer por seus livros ou a departir (falar) em algúas cousas que fossem a louvor e serviço de Deus com sas donas e donzelas<sup>33</sup>”.

Na versão do poeta saudosista português, a maledicência é atribuída ao demônio, tentando-a sem sucesso:

#### Tentação de Santa Isabel

Em Coimbra, ao pôr-do-sol,  
O Demônio, em grande traça,  
Cantou à cheia de Graça  
Disfarçado em roussinol:

– Enquanto rezais, senhora,  
Por vossa divina lei,  
Sabeis onde pára agora  
O vosso marido, el-rei?

(Ave-Maria, dizia  
Santa Isabel, e sorria.)

– De Dona Aldonça nos braços  
El-rei arde-se em desejos:  
Oh! Como dão os abraços,  
Oh! Como trocam os beijos!

(Ave-Maria, tornava  
Santa Isabel, e rezava.)

- Já Denis, o trovador,  
Bebeu o filtro, a bebida  
Que tirou a alma e a vida  
A Tristão e Iseu, de amor!

(Ave-Maria, dizia  
Santa Isabel, e sorria.)

- O filho da tentação  
(de o lembrar, faço um gorjeio...)  
Que devora o coração  
E acende brasas no seio!

Ave-Maria, tornava  
Santa Isabel, e rezava).

Denis, o filtro bebeu  
Por mãos alvas e formosas...  
Do vosso milagre as rosas  
Ele a Dona Aldonça as deu!

(Ave-Maria, dizia  
Santa Isabel, e sorria)

- El-rei deixa-vos sozinha  
E vos rezais e rezais?  
Olhai, senhora Rainha,  
Os vossos pagens leais...

(Ave-Maria, tornava  
Santa Isabel – e chorava!...)

A manhã vinha rompendo;  
A Lua tombava, doce.  
Então, as lágrimas vendo,  
A voz do Demo calou-se. <sup>34</sup>

Refere-se o poeta ao conhecido caso do rei com D. Aldonça Rodrigues, de que resultou o nascimento do seu primogênito, D. Afonso Sanches, particularmente estimado pelo pai, até por ser como ele poeta. Mas este não foi o seu único relacionamento amoroso: teve vários, e vários filhos bastardos, como por exemplo o também poeta e letrado D. Pedro, conde de Barcelos, fruto da sua relação com D. Grácia Froes.

Enfim, o poema opõe dois traços do perfil de cada um: dela a devoção e santidade, demonstrada inclusive pela ausência de ciúmes ou rancor; dele, a sensualidade, que representou em versos antológicos sobre o amor e a 'coita' deste procedente.

Em 1326, ainda não completado um ano da morte do marido, de quem cuidou com desvelo durante a doença e encomendou muitos ofícios para a

salvação da sua alma, a rainha empreendeu viagem a Santiago de Compostela, onde esteve durante os festejos comemorativos do Padroeiro em julho; lá chegando, “foi de pee com gram devoçom até a eigreja” “u jaz o corpo de Santiago apostolo”<sup>35</sup> e, mostrando o seu desprendimento por vaidades e riquezas, fez-lhe tão preciosas oferendas como jamais fora visto até então: “diziam os da eigreja de Santiago que ali erom que [nom] era [em] memoria de omêes em aquel tempo que tam nobre e tam rica oferta a nehûa pessoa viissem dar aa eigreja de Santiago”<sup>36</sup>. Dentre as doações efetuadas encontrava-se “a mais nobre coroa que ela avia com muitas pedras preciosas, e os mais nobres e melhores panos, apostados com muito aljoufar, pedras ricas [e] penas, que [em] vivendo com elrey, seu marido, vestira”, etc.<sup>37</sup>.

Pelos muitos milagres em vida e após a morte que dela se documentam, dentre eles muitas curas e o perfume que exalara do seu cadáver durante os nove dias do traslado – morreu em Estremoz<sup>38</sup> e foi sepultada, por vontade própria no Convento de Santa Clara em Coimbra, em túmulo por ela mesma edificado<sup>39</sup> –, foi beatificada<sup>40</sup> em 1516 por Leão X e canonizada por Urbano VIII em 1625<sup>41</sup>.

Enfim, o que nos interessa por agora é que essa rainha, cuja santidade foi reconhecida pela Igreja, suplantou os percalços da matéria como S. Tiago e como S. Francisco, cuja orientação<sup>42</sup> abraçou na humildade, na caridade e na paciência, buscando levar o amor onde existia o ódio. Inclusive, ao enviuvar, segundo a crônica, vestiu o hábito da Ordem das Clarissas<sup>43</sup>, e habitou junto ao convento que construiu e manteve, só não isolando-se nele pelo motivo já antes lembrado: da necessidade de manter-se no século para continuar ajudando aos necessitados, e à própria Ordem, com os seus bens. Sua relação com o franciscanismo foi, pois, muito forte, sendo-lhe inclusive atribuída a responsabilidade de trazer para Portugal as idéias mais importantes de Joaquim de Fiore (c. 1135-1202), abraçadas pela ala espiritualista dos franciscanos.

Portanto, valorizou o Caminho naquilo que de tem de mais específico: uma via espiritual. E o rei D. Dinis? Qual a sua relação com este?...

### 3. O REI TROVADOR

Certamente que D. Dinis não se deslocou como peregrino a Santiago, nem foi autor de 'cantigas de romaria' como outros trovadores que, mesclando sensualidade ao culto do Apóstolo, se reportaram às peregrinações e templos como lugares de encontros amorosos, num claro sincretismo do cristianismo com os cultos pré-cristãos que se perpetuavam, dos quais se ausentava a noção de pecado com relação ao sexo. Tais são, para só citarmos alguns nomes, Airas Nunnes, Airas Carpancho, Paio Gomes Charinho, Pedro Amigo de Sevilha, Johan Perez d'Avoin, Meendinho<sup>44</sup>.

Mas, como trovador, e o mais fecundo dos Cancioneiros galaico-portugueses<sup>45</sup>, interagiu, mesmo que indiretamente, com os artistas caminheiros oriundos da Provença. O contexto a isto favorecia: nem podemos nos esquecer que Raimundo de Borgonha, agraciado por Afonso VI<sup>46</sup> com o condado de Galiza em 1090, era irmão de Guido de Borgonha, que tornou-se o Papa Calisto II. Este, incentivou sobremaneira a peregrinação, a ponto de lhe ser atribuída a autoria do *Códice Calistino*. E grande era o número de peregrinos e colonos franceses em Compostela e arredores, sendo que na cidade existe uma rua até hoje chamada do Franco e o Caminho Francês continua sendo importantíssima via de peregrinação jacobea.

Sabe-se que D. Dinis foi também um excelente administrador e promotor cultural em seu longo reinado (1279-1325), sendo da sua iniciativa a criação do ensino universitário em Portugal, bem como a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa em documentos. Afora as suas inúmeras qualidades, destaca-se a de homem de visão, ao qual Fernando Pessoa (1888-1935)<sup>47</sup>, em poema a ele dedicado na sua obra poética *Mensagem* (1967, p. 31), se refere como "o plantador de naus a haver":

D. Dinis  
Na noite escreve um seu Cantar de amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

Afonso Lopes Vieira, no entanto, relaciona à Rainha Santa o surgimento dos pinhais, que futuramente propiciaram a construção das caravelas que levariam o reino português a expandir-se além-mar. Certamente que para enfatizar o aspecto providencialista do fato:

Pinhal do rei  
A Rainha Santa Isabel  
No areal bravo de Moel  
Meteu a mão no regaço,  
Deitou sementes ao espaço.

- Ó Pinha do Rei, do Rei meu marido,  
Andará nos mares teu corpo florido!

A Rainha Santa Isabel  
No areal bravo de Moel  
Tirou do regaço divino  
As sementes do verde pino.

- Ó Pinhal do Rei, do Rei meu senhor,  
É Deus quem te sagrou por navegador!

Meteu a mão no regaço,  
Deitou sementes ao espaço,  
No areal bravo de Moel  
A Rainha Santa Isabel.

- Ó Pinha do Rei, do Rei meu marido,  
Dará voltas ao mundo teu corpo florido!

Tirou do regaço divino  
As sementes do verde pino.  
No areal bravo de Moel  
A Rainha Santa Isabel.

- Ó Pinhal do Rei, do Rei meu senhor,  
Tu serás nos mares o Navegador!<sup>48</sup>

Interessa-nos por agora sobretudo a fecunda atividade poética de D. Dinis, que o tornou conhecido pela alcunha de Rei Trovador.

Provinha de uma estirpe de poetas: bisneto de Sancho I, considerado por alguns o primeiro dos trovadores portugueses; neto de Afonso X, o Sábio, de Leão e Castela, exímio trovador de cantigas marianas e outras; e filho de Afonso III, em cujo período a lírica trovadoresca galaico-portuguesa alcançou seu apogeu (entre 1245-1280). A sua educação aprimorada – com o concurso dos mestres Domingo Anes Jardo e Aymeric d'Ebrard, provençal que se tornou bispo de Coimbra, e o contato com as cortes ilustradas do seu avô materno e do seu pai –, aliada ao seu natural talento, fizeram dele um prolífico autor de cantigas, em sua maioria dotadas de cunho original. Nelas se entrelaçam a herança do lirismo autóctone com a dos poetas occitanos, amálgama para o qual certamente foi de fundamental importância o Caminho jacobeu.

A propósito, o poeta brasileiro Guilherme de Almeida (1890-1969), em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, 1932, se refere a este enlace na bela imagem da “fina e perfurante raiz da árvore sonora”, que “alastrou-se, estirou-se, subterrânea, longa, verrumante, furando a rocha funda dos Pirineus, varando as terras eriçadas de Espanha, para rebentar o solo simples e laborioso da Galiza e aí respirar, tomar fôlego e subir no ar em planta nova e forte”<sup>49</sup>. Mas, frisa ele, encontrou na Galiza “um lirismo próprio, original”; “já aí cantava pelo ritmo mais velho dessa língua, pela monotonia plangente e repetida do verso ‘paralelístico’ (...) as suas serranilhas soluçadas de alalas”. Até que “pelo seu caule se enroscou a árvore moça e estimada de Provença. E, juntas e trançadas, cresceram no céu pastoril. E, na voz e na sombra da árvore dupla, começou a bailar o ritmo novo, estrangeiro, dos ‘troubadours’”<sup>50</sup>.

Interessa-nos por ora particularmente a referência feita pelo poeta do Modernismo brasileiro a D. Dinis: “Já então reinava, metrificando a vida, a corte poética d’El Rei Dom Denis”. Mas, ajuíza Guilherme de Almeida, “o Rei Trovador não invejava o provençal, porque sentia que “os proençais soem muy bem trobar” mas “non hã tal coyta qual eu ey sem par”...<sup>51</sup>. Refere-se, assim, a versos da conhecida cantiga metadiscursiva de D. Dinis, que coloca a questão

da sinceridade poética, apresentada como distintiva entre os portugueses e os provençais com os seus estereotipados exórdios primaveris:

Proençaes soen mui bem trobar  
e dizem eles que é com amor;  
mais os que trobam no tempo da frol  
e nom em outro, sei eu bem que nom  
am tam gram coita no seu coração  
qual m'eu por mha senhor vejo levar. (...) <sup>52</sup>

Referenda Guilherme de Almeida – aliás profundo conhecedor da lírica medieval, a ponto de compor vários poemas decalcados nas cantigas de amigo, por mim analisadas e reunidas em publicações anteriores<sup>53</sup> – essa considerada tônica do lirismo português : “Verdade! Dom Denis descobria, definia e fundava, assim, intuitivamente, a poesia mais poética, o lirismo mais lírico, a melhor poesia e o maior lirismo de todas as línguas.”<sup>54</sup> E acrescenta: “Só mesmo a tristeza dulçurosa de Portugal e a doçura triste do português seriam capazes de dar o que faltava – sentimento e alma – à bravura e gentileza da canção de Provença”<sup>55</sup>.

Não caberia nos limites de um artigo desenvolver de forma satisfatória a questão da sinceridade poética, nem os juízos de valor relativos à especificidade do lirismo de língua portuguesa. Mas somos tentados a entrar no jogo proposto pelo trovador, a partir dessa confissão de sinceridade, e ver um vislumbre da relação do rei com sua rainha na cantiga<sup>56</sup> “Mesura seria, senhor, / de vós amercear de mi”<sup>57</sup>. Nem podemos nos esquecer que por repetidas vezes ela é caracterizada, na crônica medieval que a retrata, como ‘mesurada’.

Então, diz a cantiga do Rei Trovador:

(...) Pero sabe nostro senhor  
que nunca vo-l'eu mereci,  
mais sabe bem que vós servi,  
des que vos vi, sempr'o melhor

que nunca *eu* pudi fazer;  
porem quere de vos doer  
de mim, coitado pecador. (...)

Se não é um mero artifício retórico-poético herdado da lírica occitana o estabelecimento do panegírico da dama incomparável, quem mais que a mesurada, a generosa, a gentil Isabel seria merecedora de ser considerada aquela que Deus “fez valer / mais de quantas fezo nacer”?... Mas, se o trovador há “de morrer / sem vo-lo nunca merecer” – isto é, sem merecer a compaixão da dama –, nega-lhe por isto o reconhecimento de “prez” e o “loor”. Logo, a compaixão é que a tornaria digna de enaltecimento.

No entanto, em outra cantiga assumiria o modelo provençal para louvar a ‘senhor’ inigualável por suas qualidades sobretudo morais: “prez”, “bondade”, “sabedor / de todo bem e de mui gram valor, / e com tod’esto é mui comunal / ali u deve; er deu-lhe bom sem,” “leal”. Destaque-se que entre tantas virtudes se encontra até a humildade (se assim entendermos o significado indicado pela expressão “mui comunal”) que, como vimos, a crônica também atribui à rainha; e que apenas duas vezes a cantiga se refere às qualidades físicas da dama: “fremosura” e “beldad”, cercadas pelas muito mais numerosas que comprovam a sua beleza de caráter e de educação (falar “mui bem” e rir “melhor / que outra mulher”). Trata-se da cantiga

Quer’eu em maneira de proença  
fazer agora um cantar d’amor,  
e querei muit’i loar mha senhor  
a que prez nem fremosura nom fal,  
nem bondade; e mais vos direi em:  
tanto a fez Deus comprida de bem  
que mais que todas las do mundo val. (...) <sup>58</sup>

Quem, portanto, a destinatária da cantiga primeiramente indicada? A rainha apresentada na crônica como sempre disposta ao perdão? Ou uma outra



dama, inacessível aos apelos do trovador? Interessa menos a resposta do que a forma admirável com que o poeta soube instaurar a dúvida e fugir do lugar-comum do elogio da dama sem par, pondo em xeque a sua 'mesura' por criticar-lhe a falta de compaixão diante do muito que a serviu, apesar de 'pecador' – termo (e/ou correlatos) que, aliás, se encontra em várias outras das suas cantigas, em expressões como: "e queredes vos doer / de mi, pecador"<sup>59</sup>; "que pecados foram os meus / que nunca tevestes por bem / de nunca mi fazerdes bem"<sup>60</sup>; "mais que gram coit'a de sofrer / quem é coitado pecador!"<sup>61</sup>.

Enfim, se D. Dinis não peregrinou pelos caminhos jacobeus, nem sequer cantou as romarias, no entanto não deixou de com ele se relacionar nessa interação poética propiciada em grande parte pelo mesmo. Como também não teria deixado de transfigurar em poesia aquela que foi a rainha sem-par na história de Portugal, pois muitas são as cantigas que ou privilegiam ou se restringem a cantar da dama os seus dotes morais, em detrimento dos físicos. Ex.: "Pois que vos Deus fez, mha senhor, / fazer do bem sempre'o melhor / e vós em fez tam sabedor, / unha verdade vos direi, / se mi valha nostro senhor: / erades bõa pera rei"<sup>62</sup>.

A Isabel ou a outras damas cantou de forma admirável. Como o Apóstolo Boanerge se notabilizou pela palavra, embora fundamentalmente poética e profana a de um, retórica e sagrada a de outro. Da mesma forma que também a rainha se aproximou de Tiago Maior, embora não pela via da santidade, como vimos. E os três – a Rainha Santa, o Caminho de Santiago e o Rei Trovador –, cada um a seu modo, se tornaram protagonistas de histórias que se entrecruzam e que se perpetuam.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme de. *Toda a poesia*. São Paulo: Livraria Martins Ed., 1952.  
\_\_\_\_\_ et alii. *Discursos acadêmicos (1927-1932)*. Vol VII. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC, 1937.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Poemas In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Actas das II Jornadas UFF de Cultura Galega*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1995.

*HISTORIA COMPOSTELANA*. Introducción, traducción, notas e índices de Emma Falque Rey. Madrid: Akal, 1994.

FERREIRA, Maria Emília Cordeiro. "Isabel, Rainha D. (Rainha Santa" (vb). In SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols, vol. III. Porto: Livraria Figueirinhas, 1985.

FERRO RUIBAL, Xesús (Org.). *Diccionario dos nomes galegos*. Vigo: Ir Indo Ed., 1992.

FRANCISCO, S. *Escritos*. Acompanhados de biografias, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Ed. org. por Frei Ildelfonso Silveira (O.F.M.) e Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1988.

LANG, Henry R. *Cancioneiro de D. Denis* e estudos dispersos. Ed. organizada por Lênia Márcia de M. Mongelli e Yara F. Vieira. Niterói: EdUFF, 2010.

*LIBER SANCTI JACOBI – Codex Calixtinus*. Transcrição a partir do códice original por Klaus Herbers e Manuel Santos Noia. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1998.

*LIBER SANCTI JACOBI – Codex Calixtinus*. Trad. e notas de A. Moralejo, C. Torres, J. Feo. Reedição preparada por X. Carro Otero. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1998.

LÓPEZ PEREIRA, Eduardo X. *Guía medieval do peregrino – Códice Calixtino*, libro V (Estudio, edición e traducción). Vigo: Xerais, 1993.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Editorial Confluência, [1964].

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 5 vols. 5 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Peregrinação e(m) cantigas de romaria. In \_\_\_\_\_. *Peregrinação e poesia*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999, p. 27-46.

\_\_\_\_\_. *Poesia medieval no Brasil*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

\_\_\_\_\_. Da retórica franco-compostelana à *Compadecida* de Suassuna. In PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (Orgs.). *Anais do VII Encontro*

*Internacional de Estudos Medievais*. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: ABREM, 2009, p. 54-67.

\_\_\_\_\_. A peregrinação jacobea em (alguma) poesia (brasileira e galega). In GÓMEZ-MONTERO, Javier (Org.). *Imaginarios jacobeos entre Europa y América*. Peter Lang Edit.: Frankfurt, 2014, p. 209-227.

MENDES, Murilo. *Poesia completa & prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Ática, 1967.

REBELO, Luís de Sousa. *A concepção do poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. In *Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990. Vol. I.

VIDA e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal. Texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por J. J. Nunes, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

VIEIRA, Afonso Lopes. *Antologia poética*. Escolha e comentário de Nuno de Sampayo. Guimarães Editores, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1940.

---

<sup>1</sup> Cf., a propósito, Maleval, 1997, p. 5-24.

<sup>2</sup> Mendes, 1994, p. 583.

<sup>3</sup> José Pedro Machado (1984, Vol. I p. 438-439) refere-se à sua origem obscura, assentada na lenda da descoberta milagrosa do túmulo do Apóstolo no século IX, na Galiza, graças a uma estrela. Daí o étimo possível *campus stellae* – o campo da estrela –, embora observe que “aquela denominação latina (...) não explica com facilidade a moderna”. Xesús Ferro Ruibal (1992, p. 206-207), além de referir-se a tal significado, acrescenta, com base no *Códice Calixtino* do século XII, o de nome próprio de mulher “*feitiña, ben composta*”. Registra, igualmente, remetendo para o *Cronicón Iriense* (século XI- XII), a sua derivação de *compositum tellus*, “*terra composta ou ferosa*”; ou ainda, a sua derivação de *compositum*, que em Virgílio assume o significado de “*lugar de enterramento*”. Este tem sido ultimamente o mais aceito, com o concurso da Arqueologia, já que, a partir de escavações feitas no final do século XIX e meados do XX (Andrade Cernadas, 1995, p. 44-45), concluiu-se que a Cidade se desenvolvera a partir de uma Igreja, construída sobre um túmulo românico.

<sup>4</sup> Existe uma carta falsamente atribuída ao Papa Leão (séc. V a VI), que, largamente divulgada no século IX, incentivou a peregrinação. Do século VI a VII é o *Breviarium Apostolorum*, escrito com o objetivo de “*defender uma origem apostólica direta de algumas das principais comunidades cristãs do Ocidente*” (Andrade Cernadas, 1995, p. 42). Nele se anunciava que o Apóstolo fora o evangelizador da Espanha, e

---

que por isto estaria enterrado num lugar desconhecido da Península Ibérica denominado *Achaia Marmorica*. Corroborada a notícia por Santo Isidoro, bispo de Sevilha (570-636), no *De ortu et orbitu patrum*, obteve larga divulgação, sobretudo por monges irlandeses, ativos propagandistas da obra isidoriana.

<sup>5</sup> Andrade Cernadas, 1995, p. 42-43.

<sup>6</sup> Ferro Ruibal, 1992, p. 474.

<sup>7</sup> Campos, 1995, p. 144.

<sup>8</sup> O livro V é um *Guía medieval do peregrino*. No capítulo IV refere-se aos Três Hospitais do Mundo, assinalando os três pontos mais importantes da peregrinação medieval: Jerusalém, Roma e Santiago. Reza o capítulo que “*son lugares santos, templos de Deus, lugares de recuperación para os benaventurados peregrinos, descanso para os necesitados, conforto para os enfermos, salvación dos mortos e auxílio dos vivos*”. E conclui: “*quenqueira que erguesse estes sacrosantos lugares, sem dúvida que estará em posesión do reino de Deus*” (López Pereira, 1993, p. 75). A *inventio* clerical firmou, portanto, a sacralização da Cidade e arredores, sendo interessante observar que, nestes, o topônimo Monte do Gozo já indicaria as bem-aventuranças esperadas pelos peregrinos.

<sup>9</sup> Campos, 1995, p. 142-143.

<sup>10</sup> Maleval, 2009, p. 58-62.

<sup>11</sup> *Liber*, 1998, p. 176; traduzimos.

<sup>12</sup> *Liber*, 1998, p. 177; traduzimos.

<sup>13</sup> Conforme defende seu editor, J. J. Nunes.

<sup>14</sup> *Vida*, 1921, p. 19.

<sup>15</sup> *Vida*, 1921, p. 20.

<sup>16</sup> *Vida*, 1921, p. 21.

<sup>17</sup> Vasconcelos, p. 55.

<sup>18</sup> *Vida*, 1921, p. 20.

<sup>19</sup> Fora também solicitada pelos filhos dos reis da Inglaterra e da Sicília, preferindo o pai cedê-la a D. Dinis, que já era rei e a quem não a ligavam laços de parentesco que demandassem do Papa dispensa para o casamento. O casamento, que pela primeira vez no reino português teve “escritura antenupcial, segundo o direito romano” (Ferreira, 1985 p. 342), oficiou-se em Barcelona por procuração, em 1288.

<sup>20</sup> Morreu prematuramente, aos 25 anos, em 1313; e o marido, no ano anterior. Mas deixaram descendentes: D. Afonso, que herdou o trono castelhano, e D. Leonor, que foi rainha de Aragão por casamento com o primo.

<sup>21</sup> Seguiu todas as práticas de oração recomendadas pela Igreja, bem como o jejum, a confissão e comunhão, as “sete obras de misericórdia”: dava de comer, de beber e de vestir aos necessitados, visitava os enfermos, enterrava os mortos, socorria os endividados, remia os cativos...

<sup>22</sup> Costumava, em rituais religiosos, lavar e beijar os pés, inclusive chagados, de pessoas humildes. E era parenta chegada de todos os reis cristãos da sua época! (*Vida*, 1921, p. 67)

<sup>23</sup> Como bem resume Maria Emília Ferreira, “Dotava com as suas próprias rendas as raparigas pobres e educava os filhos dos cavaleiros sem fortuna. Quando da fome de 1233, os seus celeiros alimentaram Coimbra” (Ferreira, 1985 p. 343).

---

<sup>24</sup> Segundo Almir de Campos Bruneti (*Lenda do Graal* no contexto heterodoxo do pensamento português, Lisboa, 1974, p. 73), endossado por Luís de Sousa Rebelo (1983, p. 106-107), ela desenvolveu “vigorosa acção para fazer de Portugal o reino do Espírito Santo na Terra, a união perfeita de rei, nobreza, clero e povo numa entidade mística cuja realização quase chega a cristalizar-se com os primeiros reis da dinastia de Avis”.

<sup>25</sup> *Vida*, 1921, p. 58.

<sup>26</sup> Ou ainda entre a discórdia do rei de Castela, seu genro, com o de Aragão, seu irmão.

<sup>27</sup> *Vida*, 1921, p. 31.

<sup>28</sup> Em um desses litígios (1323), já se preparavam ambos para combater, quando a Rainha, sozinha, cavalcando uma mula, ia de uma frente de batalha a outra, buscando demovê-los da guerra. E o conseguiu, pelo que no local, hoje Rua do Arco do Cego próximo ao Campo Pequeno em Lisboa, uma inscrição o atesta (*Vida*, 1921, p. 40).

<sup>29</sup> *Vida*, 1921, p. 38.

<sup>30</sup> Prova disto é que cuidou dedicadamente do marido, quando adoeceu de morte, e encomendou muitos ofícios em prol de sua alma.

<sup>31</sup> *Vida*, 1921, p. 29.

<sup>32</sup> *Vida*, 1921, p. 30.

<sup>33</sup> *Vida*, 1921, p. 29.

<sup>34</sup> Vieira, [s.d.], p. 54-55. (País Lilás)

<sup>35</sup> *Vida*, 1921, p. 51-52.

<sup>36</sup> *Vida*, 1921, p. 53.

<sup>37</sup> *Vida*, 1921, p. 52.

<sup>38</sup> Fora ao encontro do filho, para tentar evitar guerra entre este, rei de Portugal, e seu neto, rei de Castela (*Vida*, p. 69).

<sup>39</sup> Seus restos mortais foram posteriormente transferidos “para o novo convento, mandado construir por D. João IV, em substituição do antigo, que as águas do Mondego invadiam, e depositada em cofre de prata e cristal” (Ferreira, 1985, p. 343).

<sup>40</sup> Para Coimbra e seu bispado.

<sup>41</sup> Também foi escolhida para padroeira da Academia das Ciências de Lisboa desde que começou a funcionar como entidade independente, em 24/12/1779. Aí existe um quadro a óleo em que é representada com traje de freira (*Vida*, 1921, p. 2).

<sup>42</sup> Cf., nos escritos de São Francisco (1988, p. 69-70), as Admoestações relativas às virtudes, que teriam sido seguidas à risca pela Rainha Santa: “1. Onde há caridade e sabedoria, não há medo nem ignorância. 2. Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação. 3. Onde à pobreza se une a alegria, não há cobiça nem avareza. 4. Onde há paz e meditação, não há nervosismo nem dissipação. 5. Onde o temor a Deus está guardando a casa (cf. Lc 11, 21), o inimigo não encontra porta para entrar. 6. Onde há misericórdia e prudência, não há prodigalidade nem dureza de coração.”

<sup>43</sup> Cf. *Vida*, 1921, p. 51: “E logo em aquela hora que elrey finou (...) vestio o avito de S. Clara...”.

- 
- <sup>44</sup> Desenvolvemos o assunto em estudos anterior. Cf. Maleval, 1997.
- <sup>45</sup> Dele se registram 72 cantigas de amor, 51 de amigo, 3 pastorelas e 11 cantigas satíricas.
- <sup>46</sup> Ele inclusive aboliu o tributo que era pago pelos peregrinos em Valcácer, o que facilitou a peregrinação.
- <sup>47</sup> Pessoa, 1967, p. 31.
- <sup>48</sup> Vieira, p. 21-22.
- <sup>49</sup> Almeida, 1937, p. 243-244.
- <sup>50</sup> Almeida, 1937, p. 243-244.
- <sup>51</sup> Almeida, 1937, p. 244.
- <sup>52</sup> Lang, 2010, p. 228.
- <sup>53</sup> Cf. Maleval, 1999, p. 121-140. Cf. também Maleval, 2002, onde se encontram coligidas as “cantigas neotrovadorescas” de Guilherme de Almeida e de outros poetas brasileiros.
- <sup>54</sup> Almeida, 1937, p. 245.
- <sup>55</sup> Almeida, 1937, p. 245.
- <sup>56</sup> Segundo especialistas como Henry Lang (2010, p. 89), a “concepção e a exaltação do amor como sentimento incompatível com o casamento”, característica do poesia amorosa provençal, não encontrou respaldo entre os trovadores portugueses.
- <sup>57</sup> Lang, 2010, p. 226.
- <sup>58</sup> Lang, 2010, p. 225.
- <sup>59</sup> Lang, 2010, p. 220.
- <sup>60</sup> Lang, 2010, p. 229.
- <sup>61</sup> Lang, 2010, p. 233.
- <sup>62</sup> Lang, 2010, p. 204.